



VI SEMANA DO CONHECIMENTO

**UNIVERSIDADE EM TRANSFORMAÇÃO:
INTEGRALIZANDO SABERES E EXPERIÊNCIAS**

2 A 6 DE SETEMBRO/2019



Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo () **Relato de Experiência** () **Relato de Caso**

**A Cidade fala: imagem e imaginário de Passo Fundo para análise das narrativas
expositivas do MHR**

AUTOR PRINCIPAL: Priscila Carla Batistel Pulga

ORIENTADOR: Letícia Julião

UNIVERSIDADE: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

INTRODUÇÃO

O Museu Histórico Regional (MHR) criado em 1996 se apresenta como um “lugar de memória”, no qual se preservam vestígios acerca do processo de desenvolvimento do município de Passo Fundo. Nossa análise se colocará na porta de entrada do Museu, observando primeiramente, o que a cidade nos mostra para após analisarmos o que o museu legitimou e ainda legitima. Assim, entendemos a instituição como um museu de cidade, que deve “ser uma referência inestimável para conhecer a cidade, entendê-la (no seu passado e no seu presente), fruí-la, discuti-la, pensar seu futuro, enfim, amá-la e preocupar-se com ele e agir em consequência”. (MENESES, 2004).

Justamente, por entendermos o museu de cidade como um espaço de discussão da/ sobre a mesma, investigaremos em nosso estudo se ao longo das quatro décadas de sua existência, o MHR constituiu-se em um espaço de identificação da comunidade Passofundense? Qual imagem e imaginário da cidade foram sendo legitimados pelas narrativas expositivas? Como contribuíram para a(s) construção(es) identitária(s) de Passo Fundo?

Nesse sentido, nosso estudo buscará compreender o processo de constituição da instituição museal, somado a análise das narrativas expositivas,



VI SEMANA DO CONHECIMENTO

**UNIVERSIDADE EM TRANSFORMAÇÃO:
INTEGRALIZANDO SABERES E EXPERIÊNCIAS**

2 A 6 DE SETEMBRO/2019



verificando assim, em que medida ocorre e se ocorre o reconhecimento da população com as legitimações propostas pelo MHR. Enfim, se há ressonância por parte do público para com o museu.

DESENVOLVIMENTO:

Ao falarmos em ressonância nos referimos ao,

“...o poder de um objeto exposto atingir um universo mais amplo, para além de suas fronteiras formais, o poder de evocar no expectador as forças culturais complexas e dinâmicas das quais ele emergiu e das quais ele é, para o expectador, o representante.” (Greenblatt, 1991, p. 42-56)

Utilizaremos como lentes para tal análise, uma das dimensões de estudo da cidade, propostas por Meneses: a de cidade como representação social, pois antes mesmo de verificar a relação do museu com seu visitante, é imprescindível que analisemos “sua relação com seu próprio objeto, para então por sua vez relaciona-lo com o visitante” (MENESES, 1984, pág. 198). O autor apresenta, na realidade, três possibilidades de observação da cidade como artefato e campo de forças (MENESES, 2003, pág. 261). Optamos por fazer tal recorte conceitual, por entendermos que na dimensão escolhida para nosso estudo, só se pode falar em representação, a partir do momento em que sujeitos atuaram e atuam na construção do objeto cidade, portanto existe uma ligação com a dimensão cidade artefato. Ao mesmo tempo, forças disputam os maiores espaços para afirmarem suas presenças, afinal serão os vencedores deste jogo de poderes que irão definir quais agentes, quais fatos serão representados e postergados para as gerações futuras e, ao mesmo tempo, quais serão silenciados. Assim, temos na representação social, também a amostra do campo de forças, que é a cidade.

Nesse contexto, é importante compreendermos qual é a imagem e o imaginário atribuídos a Passo Fundo por seus habitantes, pois “imagem e imaginário correspondem à capacidade cognitiva do homem de produzir



VI SEMANA DO CONHECIMENTO

**UNIVERSIDADE EM TRANSFORMAÇÃO:
INTEGRALIZANDO SABERES E EXPERIÊNCIAS**

2 A 6 DE SETEMBRO/2019



informação em todas as suas relações sociais; nos dois casos, produzem-se informações, mas de modo diverso” (FERRARA,1994, p.194). Assim, além de entendermos e verificarmos tais informações acerca da cidade é necessário que tracemos também, qual(is) imagem(ns) e imaginário(s) de Passo Fundo foram sendo construídos e difundidos ao longo do tempo. Portanto, “as imagens urbanas são signos da cidade e atuam como mediadores do seu conhecimento” (FERRARA,1994, p.193), ou seja, é solidamente construída, visual, icônica e carrega apenas um significado. Já o imaginário é polisensorial, “processo que acumula imagens e é estimulado ou desencadeado por um elemento, construído ou não, porém claramente identificado com o meio e o cotidiano urbanos” (FERRARA,1994, p.195), carregado de significados, pois “corresponde à necessidade do homem de produzir conhecimento pela multiplicação do significado, atribuir significados a significados (FERRARA,1994, p.193).

As imagens e imaginários se valem também da memória e ao falarmos dela, devemos ter como norte que a mesma “é negociada, dinâmica, presentista, enfrenta os dilemas e intencionalidade do que esquecer e lembrar” (TEDESCO. APUD BATISTELLA, BACCIN, 2016, pág. 12) sendo necessário que silêncios e ausências sejam percebidos, pois eles revelam a trama dos detentores do poder em busca de uma memória oficial que exclua os sujeitos que não “servem” aos dominantes. Temos, portanto, uma disputa pelo poder simbólico urbano, em favor de uma construção de história e, conseqüentemente, de uma identidade oficial. O poder simbólico atua invisivelmente e pode ser entendido também

“como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer ignorado como arbitrário.” (BOURDIEU, 1989, p. 14-15)



VI SEMANA DO CONHECIMENTO

**UNIVERSIDADE EM TRANSFORMAÇÃO:
INTEGRALIZANDO SABERES E EXPERIÊNCIAS**

2 A 6 DE SETEMBRO/2019



Este campo de atuação, no qual símbolos¹ vão desempenhando o papel de legitimar, evidenciar sujeitos, grupos, excluir e muitas vezes eliminar, funciona como um criador e propagador, a partir de uma memória oficial, de uma história única, tida como verdadeira de determinada pessoa ou lugar, como é o caso de nosso estudo. A história oficial de Passo Fundo tem como referência três principais escritores que primeiro se debruçaram nesta tarefa: a de escrever uma história da cidade. Os estudos de Francisco Antonino Xavier e Oliveira, tido como “o Pai da História de Passo Fundo”, Jorge Cafruni e Delma Rosendo Gehm fomentaram e, auxiliaram na construção da história e identidades oficiais de Passo Fundo. É impossível negar a importância de tais autores para o levantamento de dados acerca da história de Passo Fundo, mas devemos, no mínimo, analisar criticamente a escrita dessas versões da História (KNACK, apud BATISTELLA, 2011, p. 17), uma vez que contribuíram também para os silêncios de sujeitos que participaram do processo de constituição de Passo Fundo.

Constatamos com tal análise que efetivamente os signos, símbolos que compõem o cenário urbano participam de um processo legitimador e construtor de uma identidade oficial. A construção da identidade oficial de Passo Fundo passou e passa por algumas fases. A cidade parece, ainda estar em busca de sua(s) identidade(s)². Ao longo de seu processo de desenvolvimento, Passo Fundo, possuiu diversas identidades oficiais, ou seja, diversas foram as tentativas do poder público de elaborar a identidade da cidade. Inicialmente, “Passo Fundo das Missões”, “Passo Fundo: caminho das Tropas. Mais adiante, a cidade é uma das escolhidas, devido a localização estratégica, para receber a Estrada de Ferro Santa Maria a Marcelino Ramos- Tronco Norte, se

¹ “Os símbolos podem ser considerados derivados dos signos, quer dizer, do conjunto de elementos conhecíveis e repertoriáveis, mas que, ao mesmo tempo, se propõem como fantasmas do significado que retém uma parte do objeto que designam” (PESAVENTO, 1995, p. 21).

² Battistela e Baccin nos provocam com uma reflexão: “...afinal, qual é a identidade de Passo Fundo? Uma cidade pós- moderna, com múltiplas identidades? (cf. Hall, 2005). Ou uma cidade em crise de identidade? (BATTISTELA, BACCIN, 2016, p. 200).



VI SEMANA DO CONHECIMENTO

**UNIVERSIDADE EM TRANSFORMAÇÃO:
INTEGRALIZANDO SABERES E EXPERIÊNCIAS**

2 A 6 DE SETEMBRO/2019



apresentando como polo regional de escoamento de produção. Ao longo do século XX, o poder público concentrará suas energias em transformar Passo Fundo em “Capital do Planalto”. Na década de 1980, uma nova identidade é proposta para a população Passofundense: “*Passo Fundo Tchê! A cidade mais gaúcha do Rio Grande do Sul*”. No ano de 1995, um projeto de Lei instituirá a cuia como símbolo do município.

Entretanto, o projeto de Lei nº 11.264, de 2 de Janeiro de 2006, sancionado pelo Presidente do Brasil, Luis Inácio Lula da Silva, concedeu a Passo Fundo o título de “Capital Nacional da Literatura”. Somado a isso, em 23 de janeiro de 2008, a Lei nº 4477, muda o símbolo da cidade: sai a cuia entra em cena o livro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Percebemos que a identidade de Passo Fundo vai se alterando ao longo do tempo. Imagem(ns) e imaginário(s) vão sendo construídos e legitimados sendo que o ponto em comum entre todas as alternâncias de identidade oficial da cidade é o “imaginário progressista” (KNACK, apud BATISTELLA, 2011, p. 27), ou seja, a necessidade de Passo Fundo se afirmar como modelo de progresso. Nossa próxima etapa de análise será pesquisar as imagens e imaginários legitimados pelo Museu Histórico Regional de Passo Fundo.

REFERÊNCIAS

BATISTELLA, Alessandro (Org.). Patrimônio, memória e poder: reflexões sobre o patrimônio histórico-cultural de Passo Fundo (RS). Passo Fundo: Méritos, 2011.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.



VI SEMANA DO CONHECIMENTO

**UNIVERSIDADE EM TRANSFORMAÇÃO:
INTEGRALIZANDO SABERES E EXPERIÊNCIAS**

2 A 6 DE SETEMBRO/2019



FERRARA, Lucrecia D'Alessio. Cidade: imagem e imaginário. In: SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997. p. 194-197.

GREENBLATT, Stephen. Ressonance and wonder. In: KARP, Ivan; LAVINE, Steven L. (Ed.). *Exhibiting cultures: the poetics and politics of museums display*. Washington: Smithsonian Institution Press, 1991. p. 42-56.

MENESES, Ulpiano B. O museu de cidade e a consciência da cidade. In: SANTOS, Afonso C. M.; KESSEL, Carlos. GUIMARÃES, Ceça. *Seminário Internacional "Museus e Cidade"*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003.

MENESES, Ulpiano B. O museu na cidade e a cidade no museu: Para uma abordagem histórica dos museus de cidade. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 1984.

PESAVENTO, Sandra J. Cultura e representações: uma trajetória. *Revista Anos 90*. Porto Alegre, UFRGS, v. 13, n. 23-24, 2006.

VI SEMANA DO CONHECIMENTO

**UNIVERSIDADE EM TRANSFORMAÇÃO:
INTEGRALIZANDO SABERES E EXPERIÊNCIAS**

2 A 6 DE SETEMBRO/2019



ANEXOS



Edificação que abriga o Museu Histórico Regional e o Museu de Artes Visuais Ruth Schneider, na Av. Brasil Oeste, nº 758, na cidade de Passo Fundo- RS.